NOTAS E TRANSCRIÇÕES

Histórias da Fortaleza antiga(*)

Zenilo Almada

Quem por aqui residia por volta dos anos 1920 do século passado, nesta trêfega cidade, deve ter tido a feliz oportunidade de conhecer e freqüentar a "Praia Formosa".

Para lá se dirigiam os epicuristas da vida que no anonimato, tomavam banho de mar e de sol inclemente. Buscavam a fosforecência marítima, para ter a sensação de sentir queimada a tez, suavizada por "bonecas de goma" (trouxas feitas de pano com goma) para evitar erupção ou bolha na pele causada pelos raios solares. Hoje quem ousa exagerar passando muito tempo exposto ao sol, diz que o "bronze" se manifestou com intensidade na pele dando uma coloração rubejada, muito apreciada nas mulheres saradas.

Por ser aprazível praia situada no centro da nossa cidade era habitada por famílias de humildes pescadores e freqüentada por gente de classe média que também ali se instalava por não ser distante e de rápido acesso à Praça do Ferreira – ponto de convergência de todo o comércio de Fortaleza, repartições públicas, linhas de bondes, ônibus, correios, bancos e mercado central. Era o principal local da cidade. Por isso a classe mais pobre não precisava dispor de transporte, porque o trajeto era feito a pé.

Foi por conseguinte bela área que não convalesceu, porque foi infestada pelo mar, por suas ondas gigantescas tragando com avidez impiedosa todo território a cada ano que se passava, até destruir completamente aquela faixa litorânea em todas as saliên-

(*) Transcrição de artigo publicado no jornal DIÁRIO DO NORDESTE de Fortaleza, caderno Cultura, no dia 21 de março de 2004 (Domingo)

cias e reentrâncias que após a destruição e, na administração do prefeito Vicente Fialho, iniciou daí a Av. Presidente Castelo Branco, mais conhecida com Avenida Leste-Oeste. O mar nas pequenas ondas traiçoeiramente fazia um eterno brinquedo de passa tempo, ondas que vêm, ondas que vão, comparadas com as ilusões que de nós toma conta na mocidade tornando-nos galantes, desfazendo-se com o passar dos tempos deixando-nos somente com as profundas marcas como sinais de velhice que se manifestam tripudiando da beleza até chegar o dia de "bater o trinta-e-um" ou vestir o "paletó de madeira".

Mas, enquanto o infortúnio estava longe daquele aprisco de ovelhas desgarradas pela sorte, sentiam o prazer daquele local, onde sol, praia e mar se metamorfoseavam numa tríplice homenagem à vida, dos que ali se achegavam adquirindo novas experiências do tempo ou tivessem fatalmente por força do destino, a morte prematura diante da licenciosidade proporcionada pela dissoluta ambiência das pessoas de variadas índoles e costumes, oriundas das diversas regiões do nosso e outros estados chegavam e funestamente, por bisonho caminho, alcançavam a depravação.

Quem em Fortaleza não conheceu as celebridades do "Curral das Éguas" naqueles idos anos de 1920 a 1960 não viveu, *Dicionário de verbos de Os Sertões* porque engelhou sem ter amadurecido... somente não se misturavam as jovens solteiras da elite que freqüentavam o Cassino dos Americanos – no lugar do atual Estoril – Praia de Iracema, ou, ainda, o La Conga, a duas quadras do "Curral das Éguas" ou seja descida da rua Barão do Rio Branco, junto ao mar, exatamente onde os americanos fizeram a primeira boate apimentada de Fortaleza. Mais tarde com a retirada dos soldados americanos daqui de Fortaleza, praticamente ficou o "La Conga" abandonado e entregue a quem transformou num reduto de gays. Situado na descida do Passeio Público em direção à praia, mais tarde edificado no mesmo lugar o famigerado Bar São Jorge – palco de muitas desventuras humanas – por ser ambiente pesado conhecido na crônica policial. Ali também se aglomerava grande número de operários que trabalhavam na antiga *Light*, recinto que acumulava maior quantidade de "cinza das caldeiras"

que forneciam eletricidade á cidade, passando tal lugar a ser conhecido por "Cinzas", desprezivelmente.

Diziam que o o "La Conga" era uma comparação grosseira aos moldes de uma boate americana. Talvez pela prática das libações, licenciosidade, fosse literalmente até mais bem preparada para o embate do amor onde se dançava ao som da música, *swing*, conga, sapateado, etc, coordenando ao compasso ritmo americano pelas "Coca-colas" daqui, composta por orquestra sob a regência do húngaro Arnaldo, exímio violinista.

Era ponto de reunião dos soldados americanos que aqui se sedeavam aquartelados no "tempo da guerra" nos idos de 1940, e para suas distrações noturnas se misturavam com as famosas "Coca-colas" como eram conhecidas as moças de nossa terra que namoravam os americanos mesmo sem conhecer o idioma da "Terra do tio Sam". Valia saber dançar o ritmo americano e dizer algumas palavras que satisfizesse mais rápidos relacionamentos... Em contra partida as "Coca-colas" perdiam o bom conceito por ser discriminadas pela sociedade, rejeitadas pelos jovens. Enfim passava a valia de "artigo de segunda" na escala matrimonial, para compor o rol das "moças faladas" que fatalmente iriam terminar alijadas do casamento porque perderam a virgindade. Ou, como se tivessem cometido crime contra a honra e que vertiginosamente seriam excluídas para contrair casamento, em virtude de ter perdido o seja da pureza garantia para convolar núpcias e assegurando a chance do matrimônio que o nosso Código Civil garante sob pena de alegação de erro essencial sobre a pessoa do outro cônjuge estipulada nos artigos 218 a 222 do Código Civil Brasileiro de 1916 e art. 1.556 e seguintes do Novo Código Civil, mas hoje pouco exercitável... por sua carência diante da evolução na modernização dos tempos que são outros... Quem quiser que se precavenha e utilize seus conhecimentos... e técnica...

Entretanto no "Curral das Éguas" as "borboletas noturnas" ou "horizontais" já praticavam com desenvoltura e celebrando no altar de Vênus, iniciando a rapaziada desde os anos 1920. Quem descia aquela ladeira da rua General Sampaio ao lado da

Estação Central e da Cadeia Pública de Detenção (casarão com frente norte para rua Senador Jaguaribe) em direção à praia Formosa, onde se instalara primeiramente o Náutico Atlético Cearense, com passar do tempo recinto reservado ao amor, sabia que iria induvidosamente perder a castidade e desinibir-se.

À primeira vista de quem olhava do alto da ladeira, tinha-se a impressão de um arraial feericamente iluminado. As casas estilo chalé situadas ao lado esquerdo de quem descia aquela ruela inclinada até chegar aos esconsos do amor vendido a granel, onde as moças do fado amornavam carinhos aos varões que se principiavam na vida.

Lá predominava a mancebia entre jovens que se acautelavam das doenças venéreas que era comum na mocidade e também para uns, principal sinal de virilidade. Pois, quem na juventude não teve os conselhos e tratamentos dos enfermeiros dos ambulatórios situados no Centro, não se podia considerar uma pessoa com experiência da vida, nem ter mostrado ser homem... Mas no "Curral" do Arraial Moura Brasil tinha de tudo e mulher para todo o gosto. A variedade dos tipos de mulheres vindas de todo interior do Ceará, com o ar, costume, trajes, voz arrastada com sotaque caipira, mas com a brejeirice da sertaneja, atendia às mais diversas e variadas preferências e simpatias que exige o rigor do amor.

Era um mundo diferente para as "mariposas", que ali se assentavam para fazer o seu meio de vida assumindo a profissionalização.

Na pensão onde fixavam residência, a primeira providência da madame – dona da pensão – era conduzir a hóspede à chefatura de polícia para abrir uma ficha e receber a carteira registrando-a, com prontuário de ocorrência sanitária, obrigando-a a comparecer mensalmente para dar o visto na carteira e se examinar para saber se tinha pegado "doença do mundo" ou curuba – (do tupi "Ku´ruba" – "sarna geralmente entre os dedos e nas virilhas) muito comum naquela época. A vida era só de ociosidade e prazer das coisas que o mundo oferecia a cada momento, e na variedade de

amores que assediavam durante a noite endeusando com carícias e promessas às raparigas que se tornavam operárias do amor.

Era a juventude que comandava os dias daquelas mulheres da comédia, desfrutando o que a vida proporcionava e se deixando dominar pela lascívia do gozo e prazer de viver um mundo de fantasia e ilusões

Havia muito contentamento no ambiente que dava à noite aspecto de alegria com exuberância, dissoluta e cheia de grandes emoções, como se fosse eterno festival de deuses.

No local destinado a dança – "Salão Bola Preta" – "dancing" de primeira classe, onde uma verdadeira orquestra composta de várias figuras com sanfona, violão, pandeiro, banjo, saxofone, pistão e bateria, faziam uma animada noite pelos mais variados ritmos desde o samba, marcha, foxtrote, mazurca, frevo, valsa, baião, xote e polca, cuja freqüência compareciam às escondidas a fina flor da cidade (homens casados ou comprometidos).

Com o passar dos tempos vieram outros salões em épocas diferentes, como –"Rancho Fundo", "Salão Azul" e o mais popular "Salão da Farinhada", cuja iluminação era feita a gás de carbureto ou carboneto, onde os freqüentadores só usavam tamancos, por pertencerem à classe de proletários, embora a alegria fosse a mesma de um salão grã-fino.

Mas, com sinceridade, o mais interessante daquele local destinado à libertinagem era o necessário, por ser indeclinável, o clássico *trottoir* – sem falsa modéstia era um espetáculo muito interessante entre os freqüentadores do "Curral" e digno de realce por ser forma inusitada de conquistar o amor à primeira vista.

As damas noturnas vestiam roupas de seda, subiam e desciam a ladeira dos dois primeiros quarteirões da rua General Sampaio a fim de atrair os fregueses que se postavam na parte alta da rua, ou sentados nos botequins da ladeira, a soltar galanteios pra iniciar à primeira vista o rápido romance que às vezes terminava em xodó, diante a preferência pelo concúbito e dos agrados da alcova.

Com trocas de olhares e nesse vai-vem, subindo e descendo ladeira o jovem se aproximava da "cortesã" e logo se envolviam

no ligeiro diálogo para adentrar aos recônditos do amor, no pequeno "quarto do lupanar" reservado para o encontro, que não durava mais do que meia hora de carinhos. Após a consecução do ato e pagamento do *michê* liberavam-se com atenciosa despedida ou promessa de novo encontro num dia aprazado.

Ao término do encontro, a mulher do fado já saía do quarto com traje disfarçado por ser diferente do que usara e, para não ser reconhecida pelos circunstantes, porque tinha que continuar na sua batalha em buscá de novo freguês para outra aventura amorosa que o destino lhe reservara como meio de vida e aproveitar a sorte e a mocidade.

Seu mundo doméstico resumia-se a um pequeno dormitório da Pensão Alegre, pagando diária para ter direito ao almoço, jantar, guarda-roupa e uma penteadeira repleta de adornos, bibelôs, perfumes, objetos de toucador, e um pequeno lavatório num tripé de ferro acoplando bacia, jarra de ágata e soboneteira, com infalível sabonete "Eucalol" (feito com ervas de eucalipto), pequena toalha e "caxeiro" para os rapazes que as palomas faziam assepsia. Não se pensava e nem se conhecia Aids, nem por se ouvir falar nos diversos tipos de camisinhas, nem preservativos para mulher.

A rapaziada se curava nas prodigiosas e benfazejas mãos dos enfermeiros Mundico – Dr, França, Almeida e Varejão, que tinham seus ambulatórios no Centro, faziam ligeiras intervenções cirúrgicas e de certa forma, exerciam a medicina profilática da juventude que se iniciava sexualmente. Eram os doutores das "doenças do mundo"como eram conhecidas popularmente.

Nos casos mais rigorosos iam para os cuidados do Dr. Olavo Rodrigues ou Dr. José Osvaldo Soares – os grandes urologistas do Ceará – em busca da cura, tudo um tanto segredado evitando chegar ao conhecimento das pessoas da família – das namoradas, nem sonhar, em transpirar tais ocorrências. Acabava-se até casamento, se fosse noivo...

Quem tem boa memória deve se recordar do "Curral" – na Praia Formosa – no bairro Arraial Moura Brasil, nos anos 1920 a 1960, teve oportunidade de ver e sentir de perto o desenrolar

de uma formação de seres humanos provenientes de todos os rincões cearenses e de outros estados, que se comprimiam naquela área do Centro à beira de uma linda praia – a Formosa, para degradação social que causava dó sentir comiseração para uns, o fim da vida de cada mulher fatal, que antes cortejada depois desprezada por todos que a conheceram, aquela boneca de vitrine, e desbotada no crepúsculo da vida.

Também ao lado do "Curral" havia outras pensões – o conhecido "Oitão Preto" e a Pensão da Olímpia" que por ser de categoria discriminada e mais elevada não se misturava com a plebe do "Curral", embora o fim de todas fosse sempre o mesmo.

Assim, nesse ambiente de atmosfera pesada e, de agitação buliçosa havia também os tipos folclóricos que preenchiam lacunas de excentricidade. Iniciava o elenco uma "doida de pedra" conhecida por "Barra Azul" que ao ser chamada por esse apelido, soltava os cachorros; "Siri", outra débil mental, "Ferruge" e a "Tristeza" afora as doidivanas que não haviam de todo perdido o juízo e compareciam para dançar e desfrutar do tempo.

A ordem era mantida por um delegado de polícia muito rigoroso – Rodrigues, assessorado pelos policiais Pedro Moura, Chico da Usina e um destacamento composto por cavalaria, que asseguravam a tranqüilidade naquela zona que se tornou perigosa. Mas graças ao chefe de polícia – Cap. Manuel Cordeiro Neto, que instituiu a "lata" forma de correção imposta aos infratores dos costumes, que consistia em ajudar como servente às construções de prédios do Estado e mesmo residências particulares, e muita coisa mudou.

Havia muitos bares e botequins, onde se serviam refeições ligeiras e bebidas alcoólicas até as vinte e duas horas, abasteciam o território mundano do velho "Curral", que no final dos tempos nada restou à posteridade. Somente ainda hoje ao lado da Avenida Leste Oeste, a Igrejinha de Santa Terezinha para purgar os pecados daqueles endiabrados freqüentadores do "Curral", e, o mais nobre e ilustre nome do bairro batizado por Arraial Moura Brasil, em homenagem ao insigne Dr. Jose Cardoso Moura Brasil, inventor da miraculosa fórmula científica e

um dos melhores colírios até hoje usado – o célebre colírio Moura Brasil – cujos dados bibliográficos dá-nos conta o historiógrafo Barão de Studart no seu *Dicionário Bio-Bibliográfico.*

Finalmente se quem nada sabia do decantado e falado "Curral" do Arraial Moura Brasil, pode agora ter idéia de um passado remoto e recobrar na memória grandes recordações deixadas pela mulher fatal, que se envolveu em suas vidas e, fora de paixão "quem não teve naquela época a vida envolvida na vida de uma mulher da vida"... que virou cinza e o tempo levou deixando somente a recordação.

Estoril (*Arquivo Nirez*)

Poço da Draga. (*Arquivo Nirez*)